



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

DE SANTA
RITA

ERA UMA VEZ...

A BONEQUINHA DE TRAPÓS

POR MARIA DO ROSARIO — DESENHOS DE CASTANÊ



ERA tão linda a bonequinha de trapós que eu fizera! Como lhe ficavam a matar aquelas pontinhas loiras que eu havia cortado aos meus próprios cabelos e cosera, a grandes pontos, na bolinha que lhe formava a cabeça. Como lhe ficava gentil a touquinha de seda azul que eu lhe fizera! Enlevava-me toda naquele pequenino monstro de trapós, aconchegando-o muito ao seio, para lhe dar um pouquinho da minha alma.

* * *

Que linda boneca me deram os tios no dia dos meus anos! Abrindo e fechando os olhos, dizia: «Mamá... Pa-



pá!...». Que maravilha! Mas os meus beijos mais quentes não eram decerto, para a linda boneca de «biscuits». Iam de encontro a umas bochechinhas vermelhas, de trapo.

A boneca fidalga, aristocrática, far-me-lia, porventura, esquecer a bonequinha de trapós, feita por minhas mãos? Como, se lhe queria tanto, se, aconchegando-a muito ao peito, lhe tinha dado um bocadinho da minha alma?!

Um dia, foram encontrar-me a chorar baixinho. Apertava as mãozinhas contra o peito. Quando mãs abriram, rolaram pelo chão uns cabelinhos loiros e alguns trapós. O meu cãozinho, o Nero, vendo a minha filhinha a dormir descansada, esfarrapara-a com os dentes. E eu soluçava, porque uma irremediável dor tinha no coração. O cãozinho despedaçara um bocadinho da minha alma, aquele que eu transmitira à bonequinha de trapós, quando, docemente, a embalava ao colo!

■ F I M ■



por LUIZ FERREIRA — TIO LUIZ

Desenhos de TIO-TONIO

4.º EPISÓDIO

O SUBMARINO VOADOR

— E' assim mesmo, ilustre *boy*! Os roubos sucedem-se, com uma frequência que esgota as lotações, perdão, a paciência das vítimas. Diariamente, na estrada que conduz ao rio Hudson Júnior, os viandantes são assaltados por um bando precatório...

— Precatório?!

— Enganei-me! Queira o meu caro *cow* perdoar. O bando a que me refiro é de índios, comandados por um branco e dois tintos, isto é, dois mulatos. Despojam os *estradeiros* de todos os valores... ao portador, tais como carteiras, relógios, correntes de ouro, de prata, de pechisbeque e de ar, chapéus, casacos, coletes e outras jóias e peças de indumentária. Há poucos dias ainda — e foi essa a última presa — roubaram a um peão...

— ...o cordel?

— Não, senhor! Todo o dinheiro que levava, seis brilhantíferos e safiríferos anéis, as roupas pretas e brancas e, por fim, cortaram-lhe as orelhas...

— Que horror!

— Pois bem... Apesar de todas as pesquisas que se têm feito, não há forma de aprisionar os componentes da terrível seita. Quando lhes *cheira* a perseguição, correm, olímpicamente, estrada fora, até alcançarem o rio Hudson Júnior, e...

— Diga, diga...

— Chegados à margem, ingressam num submarino; éste mergulha e, passado tempo, lá ao longe, muito ao longe, reaparece à tona de água, para levantar vôo!



— ?????

— Alto! Não ponha mais pontos de interrogação, que o compositor não tem culpa da sua estupefacção interrogativa...

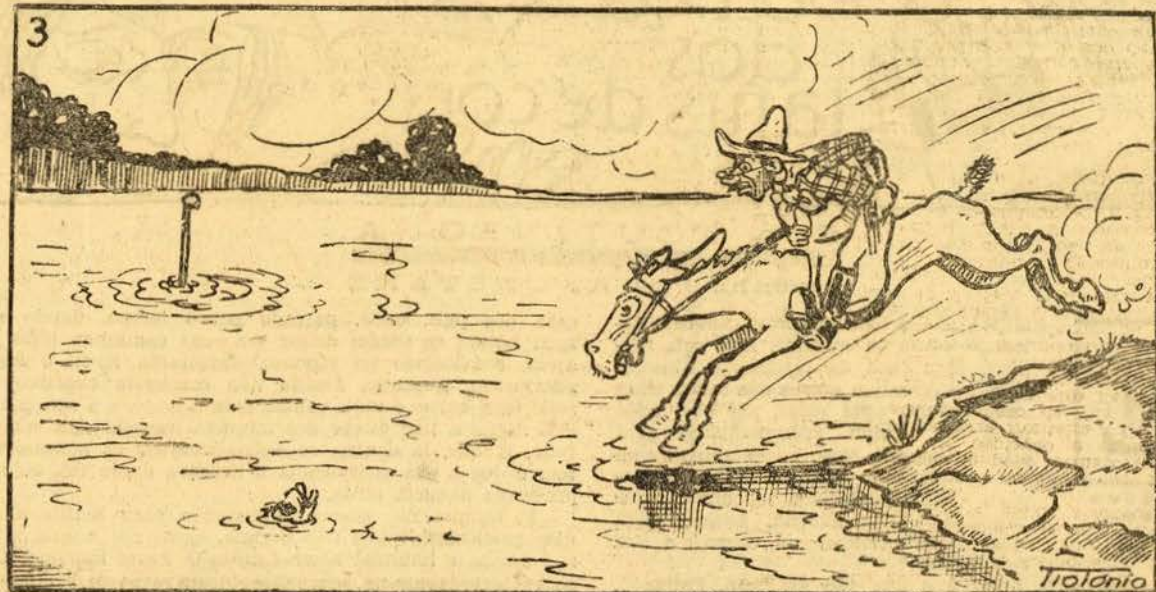
— E, portanto, vosso desejo, como delegado da Associação de Classe das Vítimas Indefesas dos Larápios Atrevidos, que cace o submarino voador e a respectiva tripulação, não é verdade?

— Exactamente! E, se fór bem sucedido, pode contar com a gratidão de todos os popelinos, além duma recompensa choruda: Uma horta, uma quinta ou um *quintal*... de bacalhau suco!

*
*
*

Três horas da madrugada: Dião! Dião! Dião! Um luar de prata cinzelada ilumina a estrada distrital, etc. e tal, a que se fez alusão no diálogo preliminar desta verídica história. Parecendo desconhecer os perigos duma viagem, na altura em que *vai alta a lua na mansão dos céus*, o bipede então, afinadíssimo da costa, a «canção do trêvo»,





A apanhar o trêvo
O trêvo! O trêvo!...

Não se lembrando, talvez, que, à falta de trêvo, pode apanhar... uma tarefa.

Percorridos dois quilômetros, o homem (estão mesmo a ver que é o nosso Ginger-Beer...) estaca. Depois de bem estacado, arrebita as orelhas e encosta os ouvidos ao solo. Nos lábios baila-lhe um sorriso, prelúdio de estrepitosa gargalhada.

— Sinto passos... Devem ser os quadrilheiros que já me presentiram... Vou preparar a defensiva.

Ainda palavras não eram ditas e já um numeroso grupo de índios, capitaneado por um branco, o tremebundo facinora Nariz de Papagaio, rodeava Ginger Beer. Dois mulatos constituíam o Estado Maior da seita, o Pêra Assada e o Pêra Cozida.

Nariz de Papagaio, com voz de trovoada seca, ululou: — Desprezível insecto, mãos no ar... e pés atrás! Vamos confiscar-te os bens. Se refilas, enviamos-te, devidamente preparado, para a nossa *charcuterie*...

Ginger-Beer ouviu o discurso, sem interromper o orador. Mas logo que a oratória chegou ao epílogo, zás! — tirou da algibeira do colete uma metralhadora e, *trr... trr... trr... trr... trr...*, desenvolveu um ataque de se lhe tirar o chapéu.

Os assaltantes, que não contavam com aquela resistência heroica, resolveram conjugar esforços e conjugar o verbo fugir: *eu fujo, tu cavas, ele raspa-se*, etc...

No campo da batalha, um campo pequeno, pois que

tudo se desenrolara num talhão da estrada, os fugitivos deixaram, ao fim da retrega, seis mortos e dezo feridos — nove fora, nada.

Ginger Beer, não querendo perder a ocasião que se lhe deparava para exterminar o bando e aprisionar o submarino voador, assobiou com a máxima força dos seus pulmões, fígado e baço..., *catrapuz, catrapuz, catrapuz*, e o *Trovão*, o maravilhoso cavalo que já nos foi apresentado, apareceu ofegante. Agachou-se, apresentou o dorso ao dono, para montar, sem mais delongas, e, dum *passo-doble*, logo passou, musicalmente falando, para um *galope!*

Precisamente na altura em que Ginger Beer atingia o ancoradouro do «submarino mistério», desaparecia este nas salsas ondas, vendo-se, ainda, sarcasticamente, o periscópio a saudar a terra já distante...

Sem um segundo, ou terceiro, de hesitação, Ginger Beer consultou *Trovão*:

— Ainda sabes nadar como uma pescada à espanhola?

O cavalo relinchou oito vezes, o que, poliglôticamente (esta palavra está na bicha para entrar nos futuros dicionários), quer dizer:

— Isso nem se pergunta! Então, o patrão não se lembra que eu já atravessei o Mississippi, o *Guadal...* *quere vir*, o *Ródano...* *daqui para fora*, o *rio... de Janeiro* e outros «cursos superiores» de águas?! Ora... ora... ora... Tenho fôlego para vinte e quatro horas!

Confiado nos relinchos, Ginger Beer lançou-se ao rio, bem firme na sela. Indiferente à fadiga e à frialdade

(Continua na página 5)

OCTOPA, OCTOPA

por ELVIRO A. GOMES

MONÍCA Canhoto,
Mulher prazenteira,
Era já velhinha
Mas trabalhadeira.

Sendo testemunha,
(Segundo se diz)
Lá num tribunal,
Disse-lhe o juiz:

— «Ai, Octopa! Octopa!»
— «Que ofício exquísito!»
— (Lhe diz o juiz) —
Deve ser bonito!»

Ia buscar água,
Fazia recados,
E esfregava casas
De homens abastados.

— Em que é que se ocupa?
Diga lá mulher!»
E, então, prontamente,
Pôs-se a responder:

— «Quê?! Octopa!... Octopa!...
Em que é que trabalha?»
Vai ela, explicou:
— «O que topa, óu calha!»



a caixa dos lapis de cõr

Por TOUTINEGRA

Desenhos de A. CASTAÑE

E

ESMERALDA e Emilita foram, naquele domingo, como de costume, logo pela manhã, para casa da madrinha. Almoçaram, conversaram acerca dos factos mais notáveis das suas vidas, até que, após o lanche, foram, acompanhadas pela criada, estrada fóra, ao extremo da aldeia, onde uma pobre ceguinha esmolava, empunhando uma taboleta em que atestava a sua miséria. Levava cada qual a sua esmola, um escudo, e iam conversando:

— Que coisa linda é o céu, tão azulinho, Emília!...

— E aquelas flores, além, que lindas são! — exclamava esta, referindo-se a uma roseira silvestre, toda florida, a distância.

— A' volta, havemos de levar à madrinha um ramo daquelas rosas!

Ao longe, debaixo dum grande guarda-sol azul, já se avistava a ceguinha.

Esmeralda continuava tagarelando sempre. Contudo, Emília emudecera; dir-se-ia preocupada.

— Que triste é ser ceguinha, Emília! Não se poder ver a natureza, que é tão linda!

Mas Emília proseguia calada. Continuaram andando até que, já proximo da ceguinha, Emília propôs a Esmeralda que ficasse esperando, com a criada, pois ela iria, sozinha, levar as duas esmolas.

— Não! — exclamou Esmeralda. Eu vou também.

Porém, Emília, insistindo, conseguiu que ela acedesse ao seu desejo, ficando. E foi, sozinha, ao encontro da pobre.

De regresso, numa corridinha, tornou a juntar-se a ambas e voltaram para casa. Emília, contudo, voltava taciturna, com uma funda ruga a vincar-lhe a testa.

Jantaram, ainda, com a madrinha, e voltaram para

casa dos pais, onde, passado pouco tempo, dando as boas noites, se foram deitar em suas caminhas fofas e alvas, convidando ao repouso. Esmeralda rezou e logo adormeceu. Contudo, Emília não conseguiu conciliar o sono; deu voltas e mais voltas, toda a noite, e a sua cabeceira inquieta não esteve dez minutos tranqüila, na almofada. E' que, lá dentro, se entrechocavam os pensamentos; é que a sua consciência a acusava duma má acção, praticada naquela tarde.

E, sempre na mesma inquietação para Emília, oito dias passaram! Quási não dormia, quási não comia, e a sua antiga e habitual alegria dir-se-ia haver morrido. Os pais interrogavam-na, sem conseguirem resposta, e, quando Esmeralda, afagando-a, a desafiava a brincar, sacudia-a, fugia e ia chorar para o quarto.

*
*
*

No domingo seguinte, como de costume, foram para casa da madrinha.





Emília parecia mais satisfeita, caminhando para lá e apertando, de encontro ao peito, a malinha de mão que teimava em levar. A tarde, como a madrinha não aivtrasse levarem a esmola à pobre ceguinha, foi ela a primeira a falar nisso e foram. Como da outra vez, levava cada uma um escudo, seguindo Emília calada, mas num grande alvoroço e mais depressa. Como no domingo antecedente, Esmeralda e a criada ficaram sentadas à sombra duma acácia e Emília correu para a pobre com as esmolas, voltando, radiante, com os olhos mais vivos, rindo até casa e sempre tagarelando.

Em casa da madrinha e mais tarde em casa dos pais parecia outra, com grande espanto e alegria de todos.

Só quando entrou no quarto, olhando para a mesa de cabeceira, e vendo sobre ela uma linda caixa com lápis de cores, entristeceu outra vez, começando a chorar aflitivamente.

Correndo, solícitos, perguntaram-lhe os pais porque chorava assim e, então, ela, entre soluços, contou que, no passado domingo, cometera a feia acção de ficar com o escudo destinado à ceguinha, por lhe faltar precisamente essa quantia para poder comprar, á sua custa, uma caixa com lápis de cores, o que há tanto tempo ambicionava.

Tal feia acção roubara-lhe, inteiramente, a alegria! A visão da pobre cega, sob o grande chapéu, segurando, numa das mãos, a taboleta em que pedia a esmola, e, com a outra estendida á espera que lha dessem, impedida de ganhar a sua vida, roubara-lhe todo o sossêgo.

Era tão infeliz, a pòbrezinha, não podendo ver as coisas lindas que há no mundo, e ela, que tudo via, rou-

bara-lhe aquele dinheiro de que tanto necessitava! A-fim-de resgatar a feia acção, prometeu levar-lhe, mal lhe fôsse possível, o dinheiro que já tinha para a compra dos lápis, bem como o escudo furtado. Emfim, naquele dia assim fizera, pelo que estava mais satisfeita, mas, ao dar com a caixa dos lápis, comoveu-se por ver que Deus aprovara o seu arrependimento, sugerindo aos pais a oferta do que tanto desejava ter.

*

* *

Retiraram-se os pais, felizes, e Emillita dormiu, finalmente, bem, tendo sonhos lindos, que só uma consciência sossegada pode proporcionar!



As mirabolantes aventuras do cow-boy GINGER-BEER O SUBMARINO VOADOR

(Conclusão da página 3)

da massa líquida, Trovão fendia as águas, nadando de bruços. Com a ânsia de atingir a meta—nesta altura, o submarino invisível—Trovão chegou a atingir oitenta milhas á hora! (*Ahora mismo, olé!*).

De repente, o periscópio começou a emergir. Ao vê-lo, Ginger Beer aprou as ventas do Trovão nessa direcção —ão... ão... — e fez com que o bicho cavalgasse, por sua vez, a carcassa do submarino! Assim que o esguio barco se encontrou sobre a água, mesmo á toninha, imediatamente ergueu voo, transformado numa espécie de «Zep-pellin» ou D. O. X.-P. T. O.

A uns dois mil metros de altitude, abriu-se uma tampa de ferro esmaltado e por ela começaram a sair os bandidos.

Ginger Beer, vigilante, ia-os atordoando com um «casse-lête». Os celerados, em acelerado vinham cair, com estrépito, no rio, onde, acto continuo, eram engulidos, ao natural, por um cardume de focas. Verdade, verdade, estes animais não mereciam tão opíparo banquete, visto serem... focas! Mas, enfim, adiante, que está o trânsito desimpedido...

Quando Ginger Beer viu que o submarino-voador estava vazio, sem índios, nem brancos, nem tintos, evadiu-se da... *seia* e ingressou no aparelho. Tomou conta

do volante e pediu ao Trovão para continuar firme no seu posto. Fez várias manobras, carregou no acelerador, meteu segunda, meteu primeira, meteu terceira e, sem perder a direcção (que tinha apontada num papel...), *ate-ijejadou* nas águas furtadas do Club dos Aranhões! Trovão, cansado já da incómoda posição em que se conservava por ares e ventos, desceu a escada do prédio — *tic... tic... tic...* — e foi para casa, repousar.

Ginger Beer, mais uma vez aplaudido por todos os naturais de Popeline-Town, convidou sete sábios da Grécia para examinarem o aparelho de que se serviam os assaltantes anfíbios... Os sábios, como é natural, viram-se gregos para estudar o maravilhoso aparelho, mas, por fim, deram o seu douto parecer, explicando, cientificamente, as razões porque o submarino fazia imersões a grandes profundidades, os motivos por que andava á tona de água e as causas porque êle se elevava no espaço, a semelhança das gaivotas. Infelizmente, essas razões, motivos e causas, não se podem divulgar, porque é... *segrêdo*, aquele segrêdo que atrás a porta te disse!

O' ai, ó linda,
Pó! Pó! Pó!...
Tchim!

1º CONCURSO de CHARADAS e ADIVINHAS

QUADRO DE HONRA

MAIS VENCEDORES DA VII SÉRIE

D. Pericles, Ego, Mais um, Pim-Pão, D. Quixote, D. João, Primeiro dos últimos, F. de Ravachol, Diabrete, Nando Januario, Delfina Pitorra, Agula Trancosana, Babeta, El-Gordo, Ricardito, Angella, Zeca, Dom Fafe, Leão das Selvas, Issa, Auocas, Salmelão, Condessa Caganita, Sancho Pança.

VENCEDORES DA VIII SÉRIE

El-Magro, Aramis, Bé, Izabel Maria, Anibal Ortiz Martins, Jacintinho, José Maria (Campeão), Condessa Caganita, H. Moniz, Ziu!, Pirarnan, Fakir Andorinha, Manuela V. Sereno, João Lourenço, Carvendof, Alfredo Lopes Cascaes, Abelha-Mestra, Nick-Carter, Periquito Azul, Tigre da Malasia, D. José Caranguêjo, Jobista Junior, Lunamy, Helios, Soueu, José Espanha, El-Diabito, Um de Marmelite, D. Pericles, Antero dos

Santos Ribeiro, Babeta, D'Artagnan, Zeca, Fagundes, Zé Calculos, Olho de Linco, Lourdes Guerrelro, Timpanas, Agula Trancosana, Mais um, Antonio Belo Bicker, Barlanecas, Delfina Pitorra, Lita, Cochicho, D. João, Edith Mary, João da Cidade Junior (Paulo Martins Barata), D. Quixote I, Joaquim Mesquita, Bernardina J. M. Menezes, Gimbrinhas, Homem Macaco, Micles de Tricles, Lauro Adalberto, Pica-Pau, Bananiz, O Desportista, Nando Januario, El-Rei Gomos V, O Presbitero, Rei da Itália, Maria de Lourdes, Ber-Latino, Maria do O', Texas-Jack, Ricardito, Saloio, Rigoletto, I agartixa Nervosa, Kalifa, Cisne de Salteu, F. de Ravachol, D. Quixote, Don Fafe, Leão das Selvas, Vencedor, Nêcas, Ego, Zé Quitolas, Jacintinho, Sir Fantasma, Dr. Planaca, Manêcas de S.to Amaro, Bucha e Estica, El-Magrito, Perdigota de Entre-Campos, Cuca e Nico, Zé Pistaroff, Um Obidense Gimbrinhas, Homem Macaco e Mibel.

Com 9 Decifrações: — Decifradista, Zé Fanfarrão, Fernando Eugenio Motrena, El-Gordo, Zé Meúdo.
Com 8 Decifrações: — Um novo decifrador, Renato Pinto da Silva, Sofia Pedro, Artur Cruz, Dr. Cenoura.
Com 7 Decifrações: — Palmelão, Sarcoté.

«SOBRINHAS» E «SOBRINHOS»

Já devem estar em poder dos vencedores das primeiras cinco séries, os prémios prometidos. O resultado do sorteio entre os vencedores das séries II a VI, será dado apenas no próximo número, assim como a lista dos concorrentes com direito a sorteio das séries III a VII e IV a VIII.

Dando de futuro um maior número de charadas a decifrar, tendo apenas que enviar 10 solucionadas, tenho a certeza que ninguém deixará de figurar no Quadro de Honra e, desta maneira, conseguirei dar saída à enorme quantidade de produções que me tem enviado.

Todos os trabalhos que me enviem para publicar, deverão vir em papéis separados, não muito pequenos, tamanho de metade de um bilhete postal, por exemplo, *escritos de um só lado*, cada qual com nome do autor e respectiva decifração. E não se impacientem, porque a pouco e pouco, todos irão aparecendo, *se estiverem nas condições...*

Não posso, como é natural, explicar particularmente a cada um dos pequeninos concorrentes, a maneira de decifrar todos os géneros, charadas e problemas que temos publicado. A melhor maneira de aprender, é verificar os problemas publicados e a respectiva solução e estudar como se conseguiu esse resultado.

Velho amigo

TIO TÔNIO

X Série

CHARADAS SINCOPADAS

- 1.ª — Esta *ave* toca um instrumento. — 3-2 *zainvola*
Fidalgo dos Santos
- 2.ª — Naquele emprego, são inumeras as horas de reponso — 3-2 *oico*
Jobista Junior
- 3.ª — Este animal come tudo o que vê. — 3-2 *oico*
Cochicho
- 4.ª — Esta *união* é producto de um ensinamento. — 3-2 *apaca-cuado*
Anibal Ortiz Martins
- 5.ª — "ens arranjá ou pôr números? — 3-2 *concesta*
Joaquim Mesquita
- 6.ª — O nobre comeu o fructo. — 3-2 *fructo*
Garra de Urso
- 7.ª — Neste livro está um tubo. — 3-2 *Cadete*
O Presbitero
- 8.ª — Nesta terra portuguesa estou mais elevado. — 3-2 *gabinha*
D. Manuel III
- 9.ª — Esta *ave*, lucra. — 3-2 *gabinha*
Ber-Latino
- 10.ª — O assunto foi baseado na base. — 3-2 *gabinha*
Maria de Lourdes
- 11.ª — Este meu protegido deu um salto. — 3-2 *gabinha*
Aramis
- 12.ª — O *paterna* gosta da *ave*. — 3-2 *gabinha*
Rei da Itália

- 13.ª — Apesar de ser pouco importante causou-me um enorme desgosto. — 3-2 *Requena*
Micles de Tricles
- 14.ª — A fêmea deste animal domestico não fala. — 3-2 *Eu aqui sei*
- 15.ª — Uma *meuda* também tem *mágua*. — 3-2 *Juju*
- 16.ª — E' com esta *pedra preciosa* que o médico cura as doenças. — 3-2 *pedra preciosa*
Alfredo Lopes Cascaes
- 17.ª — Fechei neste compartimento o animal domestico. — 3-2 *Ivo Araujo*
- 18.ª — As crianças não fazem o menor barulho. — 3-2 *Detective Amador*
- 19.ª — Esta arma de fogo não se deve tornar a vêr. — 3-2 *revela*
H. Moniz
- 20.ª — A *ladra* tem-me raiva. — 3-2 *gabinha*
Anizio de Azevedo Soares

As soluções destas charadas, devem estar em nosso poder até às 18 horas do dia 29 de Outubro (sabado).

TIO TÔNIO

Rua do Século, 43

LISBOA

FINALISTAS DAS SERIES I A V



JOSÉ HESPAÑIA
José Rebelo Hespa-
nha

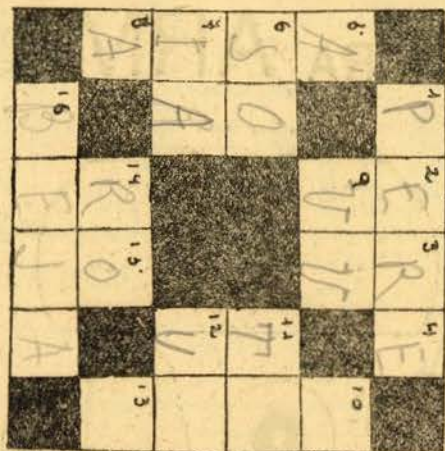
H. MONIZ
Henrique Alexandre
Moniz

LEÃO DA SELVAS
João Augusto Pacheco
e Melo Franco

EL-GORDO
Carlos Alberto Barros
dos Vales

D. FAFE
Fernando A. Pacheco
e Melo Franco

PALAVRAS CRUZADAS A DIVINHA



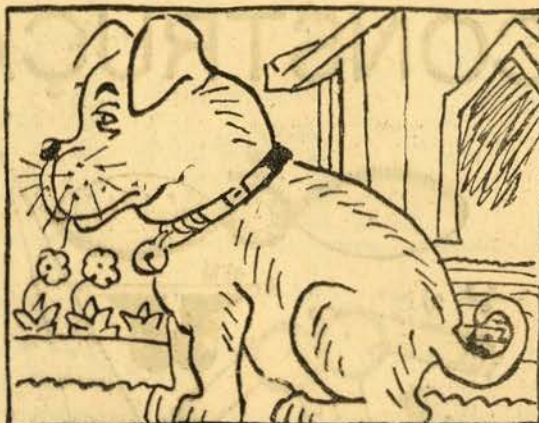
Shavo Beeta. Mauka, Setembro de 1932.

HORIZONTAIS

- 1 — Pai em francês; 5 — contração; 6 — único; 7 — tempo de verbo; 8 — preposição; 9 — duas vogais iguais; 10 — consoante; 11 — duas letras de todo; 12 — duas letras de Muda; 13 — consoante; 14 — duas letras de roda; 16 — cidade alentejana.

VERTICAIS

- 1 — consoante; 2 — pronome pessoal; 3 — duas letras de rua; 4 — conjunção; 5 — parte do mundo; 9 — alimento reconfortante; 11 — pronome pessoal; 14 — parte do navio; 17 — duas letras de hoje.



Onde está o dono deste cão?

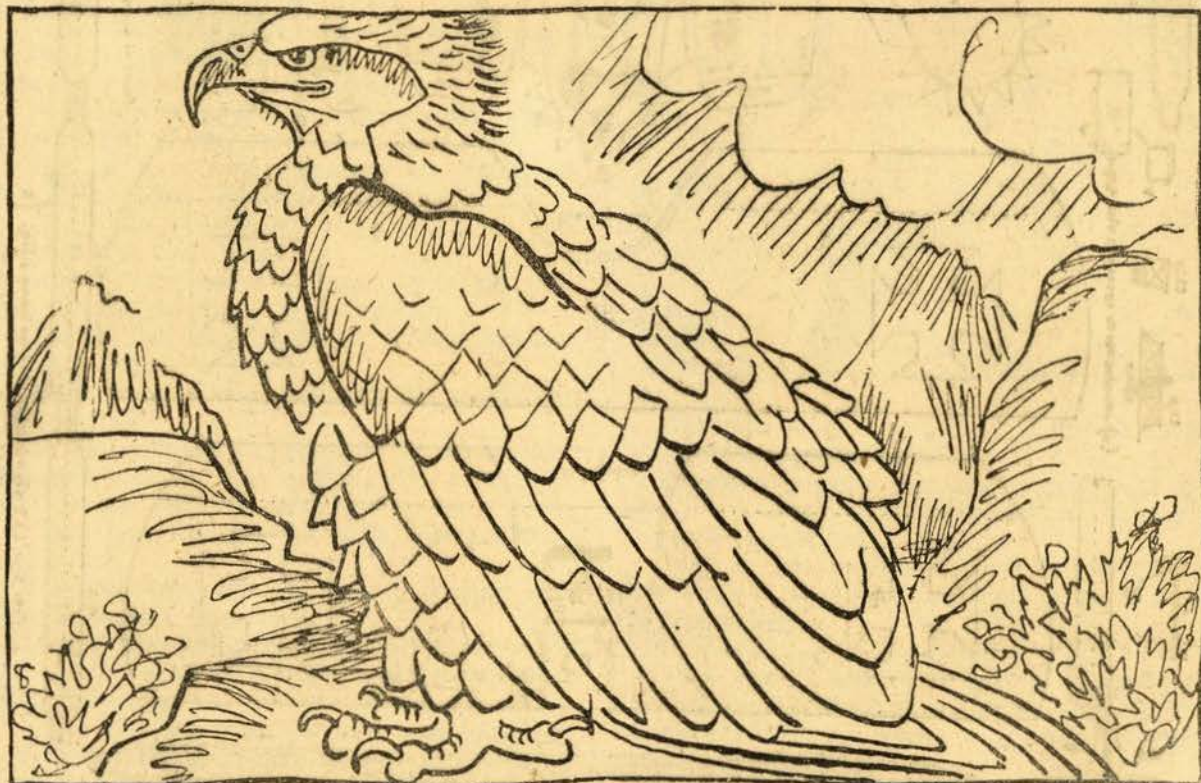
ESBOÇO FEITO A MÊDO

Antoninho vive com a mãe. São pobres. Não tem pão... Mas Antoninho ri... dentro do coraçãozinho sente qualquer coisa que bate como um sino grande de aldeia quando há festa. E' a esperança!

Antoninho já não tem mãe. Morreu-lhe. Agora está num asilo. Já tem pão... Mas Antoninho chora... dentro do seu coraçãozinho há qualquer coisa que rumoreja como a agua caindo na fontezinha da aldeia. E' a saudade.

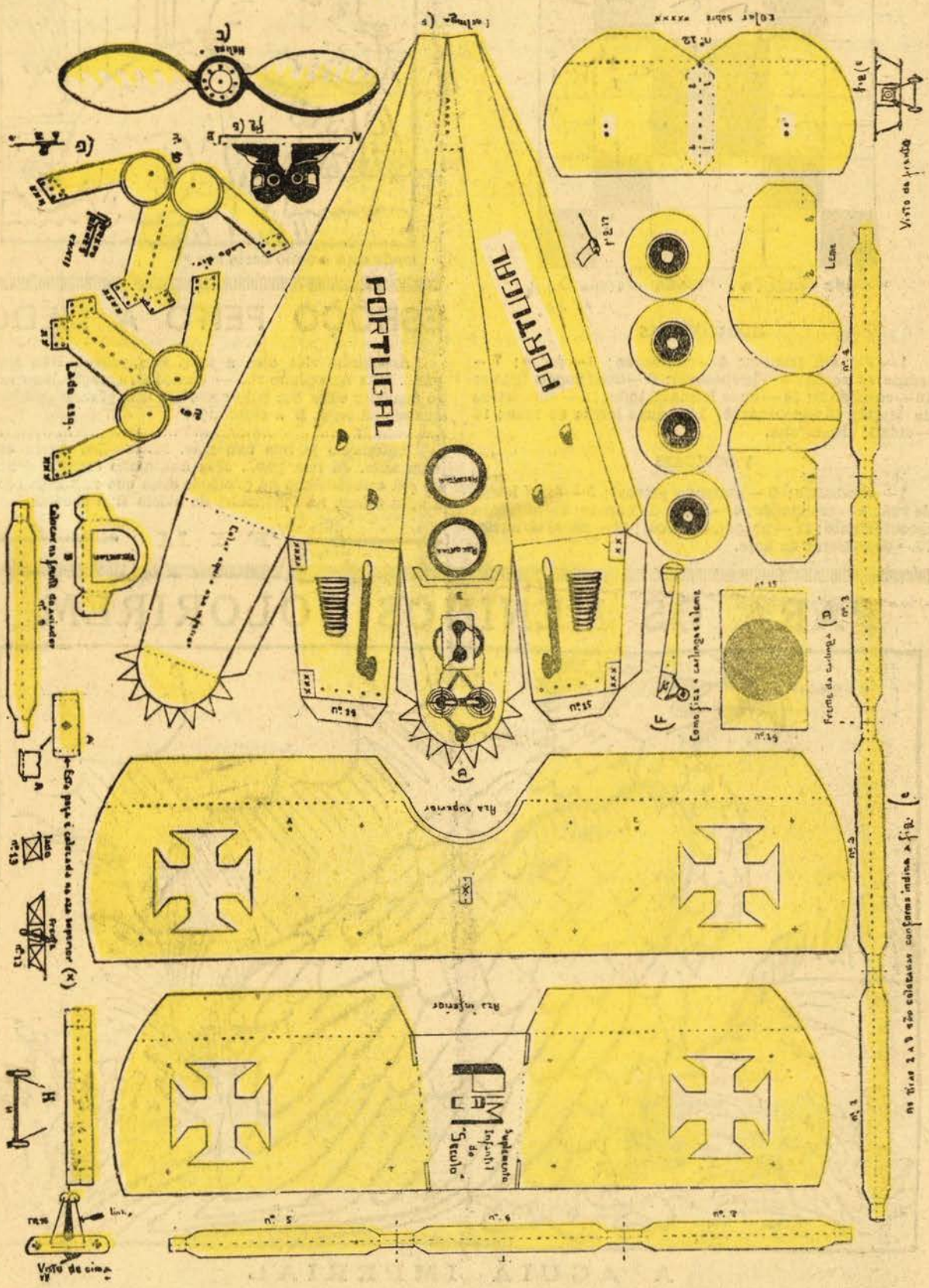
F I M

PARA OS MENINOS COLORIREM



A AGUIA IMPERIAL

CONSTRUÇÃO PARA ARMAR



O AVIÃO PORTUGAL

2) 3) 4) e 5) seguir em ordem cronológica para a 1) e 2) seguir em